

Cohen Rabelo, Laura

O mito de Alexandre, o Grande: breve estudo do Romance de Alexandre Grego

7º Coloquio Internacional

23, 24, 25 y 26 de junio de 2015

Cohen Rabelo, L. (2015). O mito de Alexandre, o Grande: breve estudo do Romance de Alexandre Grego. 7º Coloquio Internacional, 23, 24, 25 y 26 de junio de 2015, Ensenada, Argentina. Una nueva visión de la cultura griega antigua en el comienzo del tercer milenio: perspectivas y desafíos. EN: [Actas]. Ensenada : Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Centro de Estudios Helénicos. En Memoria Académica. Disponible en: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.10037/ev.10037.pdf

Información adicional en www.memoria.fahce.unlp.edu.ar



Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons
Atribución-NoComercial-SinDerivadas 4.0 Internacional
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



O MITO DE ALEXANDRE, O GRANDE: BREVE ESTUDO DO ROMANCE DE ALEXANDRE GREGO

LAURA COHEN RABELO

Universidade Federal de Minas Gerais

(Brasil)

RESUMEN

A comunicação pretende destacar facetas míticas na representação de Alexandre, o Grande em alguns episódios do *Romance de Alexandre grego*. A análise será feita a partir de duas instâncias: a primeira, discorrendo sobre a configuração de Alexandre como um ser de existência híbrida entre o humano e o divino – Alexandre, aqui, possui um conflito entre a sua descendência divina (do deus egípcio Amon, no caso), e a sua fragilidade humana, com sua morte precoce anunciada sempre por oráculos e premonições. Em segunda instância, analisaremos como a representação de Alexandre é feita em uma narrativa antiga em prosa, ficcionalizada em torno de um personagem histórico, além de explorar lugares-comuns mitológicos, tanto da tradição alexandrina quanto de outros mitos. Além das viagens de Alexandre pelo mundo serem dotadas mais de aspectos maravilhosos do que de guerras e expedições narradas historicamente, contamos também com a representação de uma correspondência de Alexandre, o Grande tanto com personagens históricos – como seu inimigo Dário da Pérsia – quanto com personagens tradicionalmente mitológicos – como as amazonas.

Para tal, nos guiaremos especificamente pela recensão β do *Romance de Alexandre grego*, que possui como título *Vida e feitos de Alexandre da*



Macedônia (Bíos Alexandrou tou makedónos kaí prákseis). A escolha de uma versão do texto foi feita tendo em mente que respondem pelo título de *Romance de Alexandre* uma grande variedade de recensões e traduções de um texto de origem inexata e transmissão em diversas línguas, tradição esta que apresenta uma boa importância no processo de mitificação de Alexandre, o Grande em diferentes culturas e através dos séculos.

ABSTRACT

This paper aims to highlight mythical facets in the portrayal of Alexander the Great in some episodes of the *Greek Alexander Romance*.

The analysis will be made considering two aspects: first, discussing the configuration of Alexander as a being of hybrid existence between the human and the divine –Alexander here has a conflict between his divine offspring (the Egyptian god Amon), and his human frailty, with his untimely death always proclaimed by oracles and premonitions. Then we will analyze how Alexander's representation is made in an ancient prose narrative, fictionalized around a historical personage, as well as exploring mythological commonplaces, both from the Alexandrian tradition and from other myths. Besides Alexander's travels throughout the world being endowed with more marvelous aspects than historically narrated wars and expeditions, we also have the depiction of a correspondence of Alexander the Great both with historical characters –as his enemy Darius, king of Persia– and with traditionally mythological characters –like the Amazons.

We will consider specifically β -recension of the *Greek Alexander Romance*, called *Life and deeds of Alexander of Macedonia (Bios Alexandrou tou makedónos kaí prákseis)*. Textual version choice was made knowing that a



great variety of recensions and translations of a text of inexact origin and transmission in several languages, an important tradition in the Alexander the Great mythification process in different cultures and throughout the centuries, corresponds to *Alexander Romance*.

PALABRAS CLAVE:

Facetas míticas-Romance de Alexandre-Tradição-Variety de recensões.

KEYWORDS:

Mythical facets-Alexander Romance-Tradition-Variety of recensions.

Jacyntho Lins Brandão em seu livro *A invenção do romance*, afirma que a expressão *romance grego antigo* apresenta grande nebulosidade até para os mais versados na história da literatura clássica. Para o autor, o termo

(...) provoca surpresa e estranhamento, pois parece que o substantivo [romance] é incompatível com os adjetivos [grego antigo]. Afinal, o romance é um gênero que melhor expressa o que a modernidade tem de mais característico e, porque tão bem se amolda a ela, parece completamente moldado por ela”¹.

Tal estranhamento pode existir porque o conceito *romance grego antigo* surgiu muito posteriormente à escrita dos romances em questão. As narrativas gregas ficcionais em prosa não foram, de fato, contempladas pelas poéticas clássicas,² não havendo uma conceituação para o gênero na antiguidade.³ Como afirma Tim Whitmarsh: “a antiguidade não somente evitou uma discussão crítico-

¹ Brandão (2005: 23).

² Brandão (2005: 29).

³ Whitmarsh (2008: 3).



literária sobre o romance, mas até mesmo não tinha um nome que o distinguisse”.⁴

O grande problema do gênero do romance aqui introduzido muito brevemente pode ser ainda mais profundo se o assunto for um dos textos conhecidos como *Romance de Alexandre*.

Antes de tudo: se vamos falar sobre o *Romance de Alexandre*, precisamos especificar de qual Romance de Alexandre estamos falando, já que existe uma espécie de tradição literária de textos que recebem este nome, textos escritos e reescritos em épocas, línguas e lugares radicalmente diferentes. Da antiguidade até a Idade Média, possuímos nada menos do que oitenta versões de romances de Alexandre, e se considera que o texto grego foi traduzido e adaptado para vinte e quatro línguas,⁵ fazendo dele o livro com mais traduções depois da bíblia. Assim, temos uma grande quantidade de recensões e manuscritos do romance grego. Para estabelecer parâmetros textuais, as recensões foram classificadas com letras gregas (α , β , γ , δ^* , ϵ) e os manuscritos com letras latinas (A, B, C etc). O texto mais antigo conservado é o manuscrito A, o mais próximo do que seria o romance original, a recensão hipotética α , escrito provavelmente no século III d.C.

Derivada dessa recensão α , temos a recensão β , um pouco mais exagerada e fantasiosa, da qual temos vários manuscritos. A recensão β possui uma datação inexata, mas que provavelmente foi composta e reescrita entre os séculos III e V d.C.⁶ Há outras recensões chamadas de γ e de ϵ , feitas mais tardiamente a partir das recensões α e β . No caso deste estudo, optamos especificamente pela recensão β -por ser uma versão intermediária e também por motivos práticos-: é a editada mais recentemente por Helmut Van Thiel à partir do manuscrito L.

⁴ (...) antiquity not only avoided literary-critical discussion of the novel, but even lacked any distinctive name for it. Whitmarsh (2008: 3).

⁵ Stoneman (1991: 28).

⁶ Bonoure (2004: 14); Stoneman (1991: 28), Whitmarsh (2008: 2).



A recensão não tem como nome o título sob o qual muitas vezes é publicada hoje, *Romance de Alexandre*, mas é intitulada *Vida e feitos de Alexandre da Macedônia* (*bíos alexandrou tou makedonos kai práksis*). A autoria é tão inexata quanto a sua datação: certamente elaborado a partir da versão anterior, o *Vida e feitos de Alexandre da Macedônia* circulou, segundo Carlos Garcia Gual, “de forma anônima, ou seu autor era tão desconhecido que seu nome foi esquecido prontamente”.⁷ Mas não sabemos bem por que o texto acabou sendo atribuído a Calístenes, conhecido como amigo e historiador de Alexandre, e parente de Aristóteles. Entretanto, não faz sentido atribuir o texto a ele: apesar de ele fazer uma aparição breve no romance, citado em uma carta que o próprio Alexandre escreve a Olímpia e Aristóteles, é sabido que ele morre alguns anos antes de Alexandre, por volta de 327 a.C.,⁸ não podendo ser autor de uma obra que no fim narra a morte de Alexandre, aqui assassinado por envenenamento. Podemos cogitar, entretanto, que atribuir o texto a Calístenes, um personagem tão próximo de Alexandre, seria uma estratégia para atestar a veracidade deste texto que toca mais o ficcional do que o histórico ou o biográfico.

Apesar na enfática insistência do nome “romance” no título comum do *Romance de Alexandre*, o texto não é facilmente considerado um romance grego antigo, classificado como uma “narrativa biográfica romanceada”.⁹ Ou seja: ele fica neste lugar limítrofe entre a biografia e o romance, a história e a ficção.

O livro pode ser pensado como uma biografia, estando de acordo com uma definição simples dada por Arnaldo Momigliano: “uma narrativa da vida de um homem do nascimento até a morte”.¹⁰ A narrativa, no caso, não marca muita semelhança com o que consideramos hoje uma biografia. O texto tem seu começo bem antes do nascimento de Alexandre. Aqui, ele não é colocado como

⁷ Gual (2002: 17).

⁸ Bonoure (2004: 12).

⁹ Brandão (2005: 83).

¹⁰ Momigliano (1993: 11).



filho de Felipe da Macedônia, como nos é informado tradicionalmente em biografias tidas como mais “sérias” ou “verossímeis”, mas é dito filho de Nectanebo, o último faraó do Egito. Nectanebo é caracterizado como um adivinho versado em magia, astronomia e lecanomancia (a arte de controlar os acontecimentos movendo figurinhas de cera em uma bacia cheia de água). Fugindo para a Macedônia, Nectanebo presta serviços divinatórios à Olímpia, mãe de Alexandre, e acaba conseguindo alcançar o seu leito: ele diz que ela deveria ter um filho do deus egípcio Amon e em seguida se disfarça como este deus.

Apesar da cena de sedução de Olímpia ter um caráter bastante cômico, a presença da magia e dos deuses no livro não é apenas um artifício de Nectanebo, mas uma realidade que vai se tornando cada vez mais presente ao longo da narrativa. Podemos começar com a descrição de Alexandre no capítulo treze do primeiro livro:

ἀνδρυνθέοντος δὲ Ἀλέξανδρος τὸν χαρακτῆρα οὐχ ὅμοιον εἶχε Φιλίππῳ ἀλλ' οὐδὲ Ὀλυμπιάδι τῇ μητρὶ οὐδὲ τῷ σπεύραντι, ἀλλ' ἰδίῳ τύπῳ κεκοσμημένος μορφήν μὲν εἶχεν ἀνθρώπου, τὴν δὲ χαίτην λέοντος, τοὺς δὲ ὀφθαλμοὺς ἑτερογλαύκους - τὸν μὲν δεξιὸν † κατοφερῇ ἔχων, τὸν δὲ εὐώνυμον γλαυκόν - ὅξεϊς δὲ τοὺς ὀδόντας [ὡς πασσαλίσκους] ὡς δράκοντος, ὀρμὴν δὲ ἐνέφαινε λέοντος † ὁξὺς πρόδηλος δὲ ἦν †. (I-13)

“Homem feito, Alexandre não se parecia nem com Felipe, nem com sua mãe Olímpia, e nem com aquele que o gerou. Porém, composto de um tipo particular, tinha forma humana, cabeleira de leão e os olhos eram de cores distintas – tinha o direito caído e o esquerdo claro. Os dentes eram afiados como as pontas dos das serpentes e exibia o ímpeto do leão, era agudo e atirado”.¹¹

A imagem que o livro dá de Alexandre é uma mistura de características humanas e animais. É interessante ver como o narrador faz questão de ressaltar que Alexandre possui “forma humana” (μορφήν μὲν εἶχεν ἀνθρώπου). Existe uma identificação de Alexandre com características animais, tanto no âmbito

¹¹ Tradução nossa.



psicológico (o ímpeto do leão) quanto no aspecto físico (dentes de serpente, cabeleira do leão). Segundo Van Thiel, também os olhos descritos assimétricos atestariam tradicionalmente uma relação com a magia.¹² Não se aparentando com ninguém do seu plano humano, nem Olímpia, nem Felipe, nem Nectanebo, esta é uma das passagens que sugerem ser Alexandre filho de um quarto elemento, outro ser -justamente um deus, o deus Amon-.

Esta descrição é apenas um pontapé inicial em direção ao absurdo e ao maravilhoso. O texto se apropria de anedotas biográficas e símbolos relacionados a Alexandre, exagerando-as, adicionando premonições, oráculos e seres fantásticos. Outra fatura interessante de *Vida e feitos de Alexandre da Macedônia* é o fato de que ele não é apenas uma narrativa em terceira pessoa, mas o narrador muitas vezes se retira para dar lugar a uma variedade muito rica de cartas. Além de encontramos a correspondência de Alexandre com seus inimigos Dário e Poro, ele realiza uma troca de correspondências com as Amazonas, personagens mitológicos incorporados ao texto, e com Candace, a rainha etíope. Ainda mais inusitada do que estas cartas é uma carta que Alexandre escreve para a sua mãe e para Aristóteles narrando todos os prodígios que viveu em uma viagem em direção ao oriente, tentando alcançar a ilha dos Bem Aventurados e o fim do mundo. É especificamente nesta carta, presente no fim do segundo livro do romance, que encontramos o auge do apelo ao fantástico.

O desvio epistolar tem por certo uma função retórica no romance, como toda carta inserida dentro de um texto de ficção. Patrícia Rosenmeyer afirma que “a técnica epistolar sempre problematiza o limite entre a realidade e a ficção”, já que “cada carta é um artefato que pretende ser historicamente autêntico”.¹³ Ou seja, ao colocar o próprio Alexandre para contar suas aventuras pelo oriente há

¹² Em nota 1,13,3; Thiel (1983: 171-172).

¹³ Rosenmeyer (1994: 147).



a estratégia narrativa de atribuir mais verdade ao que ele diz. No caso de Alexandre, há cartas que pertencem a certa tradição epistolar, como afirma Lionel Pearson cartas inventadas atribuídas a homens ilustres eram escritas tanto “por diversão literária quanto por exercício retórico”,¹⁴ e algumas cartas presentes no *Romance de Alexandre* foram encontradas isoladamente em outros manuscritos anteriores aos primeiros romances que recebemos.

A carta escrita para Olímpia e Aristóteles é a maior do livro e ocupa nove capítulos ao final do livro II. Existe aqui uma mudança significativa de uma narração biográfica para uma autobiográfica. Como afirma Momigliano: “Narrativas de viagens, sejam elas orais ou escritas (a começar pela *Odisseia*), devem ser consideradas como antecessoras da autobiografia”.¹⁵ De fato, é impressionante como esta parte da narrativa marca semelhança com o apólogo de Odisseu na corte dos Feácios, em que ele conta todas as aventuras e desventuras que enfrentou depois de Tróia.

A carta de Alexandre a Olímpia e Aristóteles é incorporada logo depois que a morte de Dário é narrada no romance, começando a partir de como venceu a batalha de Isso:

συλλαβὼν αἶγας πλείστας καὶ συνδήσας λαμπάδας ἐν τοῖς κέρασιν αὐτῶν καὶ ἐβάδιζον νυκτός. οἱ δὲ ἰδόντες τὰς λαμπάδας μακρόθεν ὑπέλαβον εἶναι στρατὸν ἀναρίθμητον, ὅθεν καὶ εἰς δειλίαν πραπέντες ἡττήθησαν. καὶ οὕτως τὴν κατ' αὐτῶν νίκην ἐποίησάμην. (II-23).

“(...) atei tochas aos chifres de um monte de cabras, que eu soltei, e elas caminharam pela noite. Vendo as lâmpadas de longe, acreditaram elas serem uma incontável legião de soldados, de forma que fugiram covardemente e foram derrotados. Foi assim que logramos a nossa vitória sobre eles”.

O livro todo é muito pobre com relação à descrição de batalhas: muitas vezes as descrições da guerra se resumem a poucas linhas, sendo as cartas que

¹⁴ Pearson (1955: 444).

¹⁵ Momigliano (1993: 29).



Alexandre troca com seus inimigos Dário e Poro muito mais longas do que uma batalha real. A esperteza de Alexandre e as disputas epistolares freqüentemente contornam a violência, e a morte de Dário é narrada por ele nesta carta seguindo o mesmo espírito:

καταλειφθεὶς δὲ Δαρεῖος συνελήφθη καὶ ἐτραυματίσθη παρὰ τῶν αὐτοῦ σατραπῶν. ἐγὼ δὲ λίαν ἐλυπήθην περὶ αὐτοῦ. νικήσας γὰρ αὐτὸν οὐκ ἔβουλόμην φονεῦσαι, ἀλλ' ἔχειν αὐτὸν ὑπὸ τὰ ἐμὰ σκῆπτρα. ἔμπνουν δὲ τοῦτον καταλαβὼν, περιελὼν δὲ τὴν περικειμένεν μοι τοῦτον χλαμύδα ἐσκέπασα. εἶτα ὑπονοήσας τό τῆς ἀδήλου τύχης ἐπὶ τὸ Δαρείου ὑπόδειγμα τοῦτον ἐθρηνησα. (II -23)

“Dário, entretanto, deixado para trás, foi retido e ferido pelos seus sátrapas. Eu fiquei muito enlutado por causa dele. Depois de vencê-lo, eu não queria assassiná-lo, mas tê-lo sob meu cetro. Eu o peguei com um sopro de vida, tirei o manto no qual me envolvia e o cobri. Então, ao questionar o que é a obscura sorte sobre o exemplo de Dário, chorei por ele”.

A imagem construída pelo romance é a de um Alexandre audaz e magnânimo, que é capaz de vencer uma guerra sem derramar sangue e capaz de se enlutar pelos seus inimigos. Podemos destacar aqui também a presença da *týkhe* em seu discurso, a τῆς ἀδήλου τύχης, a obscura sorte de Dário. Segundo Jacyntho Lins Brandão, não são os deuses que movem o mundo do romance grego antigo, mas a própria *týkhe*:

A lógica que preside o romance grego é a da *Týkhe* (a *Fortuna* dos romanos), segundo a qual jovens se apaixonam em encontros casuais, viagens são povoadas de sobressaltos e, até mesmo, um homem se transforma em animal! A morte de Heitor e o destino de Édipo não dependem da *Týkhe*, pois são regulados pelos planos dos deuses e poetas”. (Brandão, 2005, p. 222)

Com um aspecto de gratuidade, a *týkhe* é o que torna “factível a narração do romance”,¹⁶ dando a ela espaço para uma narrativa acontecer. Alexandre não atribui a morte de Dário à vontade de um deus que compactua com seus objetivos e o quer como o rei do mundo, mas a uma sorte misteriosa.

¹⁶ Brandão (2005: 223).



A partir deste ponto na carta escrita por Alexandre, somos surpreendidos por toda uma série de acontecimentos prodigiosos e seres extraordinários. Alexandre fala do seu desejo de “entrar na região mais interior do deserto”,¹⁷ mas ele é desaconselhado a seguir este caminho “por causa da multidão de feras que habitavam aquele lugar”.¹⁸ Passando por lugares acidentados, encontram uma floresta de árvores que dão frutos “grandes como os maiores melões”,¹⁹ seres gigantes chamados de *Phytoi*, seres redondos e vermelhos parecidos com leões, os chamados *Oclitas*, leões de três olhos com pulgas do tamanho de sapos, e seres peludos com uma linguagem própria que são chamados de *Melófagos* (que apenas pelo nome fazem lembrar os *Lotófagos* da Odisseia). Eu poderia continuar por muito tempo: árvores que crescem de dia e murcham de noite, exalando um perfume delicioso; seres invisíveis que chicoteiam os soldados de Alexandre; caranguejos gigantes; peixes que não cozinham no fogo, mas em água fria; aves que soltam fogo. Entre feras e plantas estranhas, indo até o fundo de um lago para buscar pérolas, caminhando por um deserto onde não se vê nada por vários dias, Alexandre tenta em vão alcançar a terra dos bem-aventurados.

No capítulo 40, Alexandre encontra com duas aves notavelmente parecidas com as sereias como descritas na *Odisseia*:

καὶ εἶδον δύο ὄρνεα πετόμενα καὶ μόνον ἔχοντα ὄψεις ἀνθρωπίνας, Ἑλληνικῇ <δὲ> διαλέκτῳ ἐξ ὕψους ἐκραύγαζον· “τί χώραν πατεῖς, Ἀλέξανδρε, τὴν θεοῦ μόνου; ἀνάστρεφε, δέλαιε, ἀνάστρεφε. μακάρων νήσους πατεῖν οὐ δυνήσῃ. ἀνάστρεψον, ἄνθρωπε, καὶ τὴν δεδομένην σοι γῆν πάτει, καὶ μὴ κόπους πάρεχε σεαυτῷ. (II – 40)

“Vimos duas aves que voavam, só que tinham face humana e grasnavam em língua grega:

¹⁷ εἰσελθεῖν εἰς τὰ ἐνδότερα μέρη τῆς ἐρήμου (II-23).

¹⁸ διὰ τῶν θηρίων τὸ πλήθος τῶν ἐνοικούντων τοῖς τόποις ἐκείνοις (II-32).

¹⁹ μῆλα πανμεγέθη οἷον πέποντας μεγίστους (II-32).



-Por que, Alexandre, pisa em terra divina? Volte, miserável, volte! Não pode pisar na ilha dos bem-aventurados. Retorne, humano! Vá pisar a terra que te foi dada, e não cause sofrimento em você mesmo!”.

Se as Sereias descritas na *Odisseia* poderiam impedir Odisseu de alcançar o que ele desejava -o retorno- estas criaturas sem nome impedem Alexandre de alcançar o que ele deseja -a ilha dos bem-aventurados-.

Além do desejo de conquistar toda a terra conhecida e a desconhecida, a personalidade de Alexandre é marcada pela incessante busca pela imortalidade e, ao mesmo tempo, por saber a hora de sua morte. Um dos episódios que ele narra em carta é justamente a história de seu cozinheiro que descobre a fonte da imortalidade e bebe dela, sem informar Alexandre de sua descoberta, deixando o rei furioso e decepcionado. Sobre esta relação com a morte, Carlos Garcia Gual escreve:

A característica mais significativa de Alexandre é sua ânsia por transgredir os limites do humano: por chegar em suas explorações aos confins do mundo, por ascender aos céus, por superar as façanhas dos deuses, por alcançar a imortalidade. É a característica típica do herói grego, sua desmesura magnífica e seu erro trágico. (Gual, 2002, p. 11)

Assim, não parece ser muito seguro dizer que a narrativa de todas essas coisas absurdas, todo o esforço transformar Alexandre em mito, todas as referências a outros textos e tradições, situações disparadas são simplesmente uma biografia. É exatamente por essa riqueza bastante heterogênea que *Vida e feitos de Alexandre da Macedônia* parece negar classificações. No fim, podemos concluir que o texto pode ser tido como uma biografia por simplesmente contar toda a vida de um homem, e simultaneamente ser incorporado ao gênero específico do romance grego antigo por conta de sua singularidade, como afirma Brandão:

Afirmar que a marca mais destacada do romance grego é a junção de viagem e amor tem tudo de correto, mas implica uma indesejável generalização. Com esse argumento, a crítica malevolente desclassificou-o como repetitivo, monótono, superficial, em suma, sem originalidade. Isso



supõe, entretanto, desconsiderar a riqueza de invenção que existe em cada texto, desclassificando justamente a diferença. Num gênero cuja marca mais relevante é a capacidade de transformação, a diferença (e não a indiferença) deve ser o critério central (Brandão, 2005, p. 83)

BIBLIOGRAFÍA

Edições e traduções das fontes primárias:

PSEUDO CALÍSTENES (1977) *Vida y hazañas de Alejandro de Macedonia*.

Tradução, prólogo e notas de Carlos García Gual, Madrid.

PSEUDO-CALLISTHÈNE (2004) *Le roman d'Alexandre: la vie et les hauts faits*

d'Alexandre de Macédonie. Tradução e comentários de Giles Bounoure et Blandine serret, Paris.

STONEMAN, R. (1991) *The Greek Alexander Romance*, London.

THIEL, H. van (1983) *Leben und Taten Alexanders von Makedonien*, Darmstadt.

Bibliografia secundária:

BRANDÃO, J. L. (2005) *A invenção do romance: narrativa e mimese no romance grego*, Brasília.

PEARSON, L. (1995) "The diary and the letters of Alexander the great", *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 3 H. 4.

ROSENMEYER, P. (1994) "The epistolary novel", en STONEMAN, R.; MORGAN, J. R. *Greek fiction: the Greek novel in context*, London, New York: 146-165.

WHITMARSH, T. (org.) (2008) *The Cambridge Companion to the Greek and Roman Novel*, Cambridge.